

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E DA PAISAGEM: interfaces geridas na orientação acadêmica

Rhuan Carlos dos Santos Lopes¹

RESUMO

O artigo debate a interface entre Arqueologia da Paisagem e Arqueologia Histórica, tendo em vista a interlocução entre o autor e sua orientadora de doutorado, Denise Pahl Schaan. Pretendo apresentar como a orientação envolveu a expertise da docente em pesquisas na Amazônia – tendo em vista a execução de projetos situados na abordagem da arqueologia regional no Marajó, rio Tapajós e no Acre – e a formação em andamento do orientando, em interlocução também com a Antropologia. As questões a serem abordadas, portanto, dizem respeito aos aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a pesquisa arqueológica, bem como a formação de pesquisadores em programas de pós-graduação.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Formação acadêmica em Arqueologia; Arqueologia Histórica na Amazônia.

ABSTRACT

The article discusses the interface between Landscape Archaeology and Historical Archaeology, in view of the interlocution between the author and his doctoral advisor, Denise Pahl Schaan. I intend to present how the orientation involved the teacher's expertise in research in the Amazon - having in view the execution of projects situated in the approach of regional archeology in Marajó, Tapajós River and Acre - and the ongoing formation of the student, in interlocution also with Anthropology. The issues to be addressed, therefore, concern the theoretical and methodological aspects that involve archaeological research, as well as the training of researchers in graduate programs.

Keywords: Amazonian archaeology; Academic training in archaeology; Historical archaeology in the Amazon.

¹ Arqueólogo e Antropólogo. Docente no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Unilab. E-mail: rhuan.c.lopes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O convite para participar deste número especial do Caderno 4 Campos é um alento no difícil ano de 2021, sequência de outro ano nada fácil. Compartilho com tantas outras pessoas a insegurança e a dor de tentar viver em um tempo definido pela pandemia de Covid-19. A solicitação chegou, devo dizer, em um momento particular da minha vida, pois coincidiu com minha internação hospitalar motivada pelo coronavírus. Escrevo poucos meses depois desse momento crítico e, ainda diante do pânico silencioso que vivemos, posso fazer coro à música do Belchior (1976) e *me considerar um sujeito de sorte, mesmo sangrando demais, mesmo chorando pra cachorro*. Esse texto, então, é a tentativa momentânea de tentar *esquecer em que ano estamos*, como um dia cantou Luiz Melodia (1973) falando dos seus amores.

Digo isso, porque o convite provocador desse texto parte de duas colegas de trajetória acadêmica, Tallyta Suenny e Glenda Consuelo, e com o desafio de pensar a Arqueologia do/no Pará a partir de uma homenagem à Prof.^a Denise Pahl Schaan. Assim, vou poder falar de anos passados, nos quais eu não posso mais sofrer, e que me possibilitam pensar em um tempo em que eu era de fato *muito moço* para entender a dimensão do que era fazer Arqueologia em terras amazônicas. A Dr.^a Denise não foi a única professora de Arqueologia ao longo da minha formação universitária, nem foi minha primeira orientadora quando entrei na disciplina. Contudo, como costumo falar, tal como minha orientação profissional na Antropologia é tributária da experiência de ensino e pesquisa junto à Prof.^a Jane Felipe Beltrão, na Arqueologia eu devo isso à Prof.^a Denise Schaan. Devo também às companheiras e companheiros de sala de aula e de trabalho de campo que, tal como as organizadoras desse número do Caderno 4 Campos, estavam aprendendo com os profissionais reunidos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA).

Por isso, fico muito satisfeito em saber que a revista dos discentes do PPGA faz coro com o número especial da Amazônica Revista de Antropologia, periódico do mesmo Programa, e que também apresentará homenagem à Prof.^a Denise este ano. Em razão disso, esse não é o primeiro texto em que pude falar sobre a Prof.^a Denise (Beltrão et al, no prelo), mas agora irei debater a interface entre Arqueologia da Paisagem e Arqueologia Histórica, tendo em vista a minha interlocução com a Prof.^a Denise no período em que ela foi minha orientadora de doutorado, entre os anos de 2013 e 2017. Trata-se de pensar como a expertise da docente em pesquisas na Amazônia – tendo em vista a execução de projetos situados na abordagem da arqueologia regional no Marajó, rio Tapajós e no Acre – frequentemente debatidas em sala de aula, foi essencial para o desenvolvimento da minha pesquisa. As questões a serem abordadas, portanto, dizem respeito aos aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a pesquisa arqueológica na Amazônia, bem como a formação de pesquisadores em programas de pós-graduação.

O trabalho tomará certo tom de pessoalidade, mas considerando que minha experiência individual enquanto pesquisador em formação – no tempo em que fui aluno do PPGA/UFPA e bolsista CAPES – possui conexões mais amplas, numa relação de escalas provocada pelo método da autoetnografia – que eu utilizo para construir este texto (Anderson 2006). Por outro lado, para tentar fugir do risco eminente de dar um tom épico e triunfalista a um texto que tem a trajetória do próprio autor como fonte de reflexão, procurei efetuar uma narrativa não-teleológica dos fatos da minha experiência acadêmico-profissional. Porém, é relevante destacar que dei ênfase às escolhas possíveis em minha formação e atuação profissional, condicionadas tanto pelo contexto histórico, quanto pela minha subjetividade. O que se verá não está totalmente exposto em outros instrumentos, tais como nos artigos e capítulos de livro que pude publicar, pois deve-se considerar que nem tudo que é relevante nas ciências humanas pode ser quantificado (Oliveira 1999).

2. MINHA INICIAÇÃO NA ARQUEOLOGIA

Até onde minha memória permite lembrar, conheci a Prof.^a Denise através de textos que precisei ler quando fui estagiário no Museu do Forte do Presépio, em Belém (PA). Parte da exposição deste espaço é composta por acervos oriundos dos sítios arqueológicos da Ilha do Marajó, lugar onde Denise realizou pesquisas sistemáticas para seu doutoramento. Para qualquer iniciante na leitura sobre arqueologia no Marajó, como eu era nesse momento, o nome da Prof.^a Denise será recorrente nos levantamentos bibliográficos. Nesse momento, porém, buscava informações sobre as peças das coleções que compunham a exposição, além de informações gerais sobre o fazer arqueológico. Eu ainda trabalhava nesse museu quando fui aluno da Prof.^a Denise pela primeira vez, na UFPA. Meu curso de formação foi a licenciatura e bacharelado em História e fui discente da disciplina de Antropologia Cultural II com ela. Nesse momento, chamava-me atenção a abordagem que ela dava para a Antropologia, considerando sua formação boasiana nos quatro campos antropológicos (Schaan 2014).

Porém, foi somente quando me tornei aluno de mestrado no PPGA que comecei a ter a dimensão do que é fazer pesquisa em Arqueologia na Amazônia, bem como perceber as relações possíveis entre Arqueologia e Antropologia. Conforme a Prof.^a Denise demonstrou em artigo que sugere a colaboração epistemológica entre etnólogos e arqueólogos (Schaan 2014), essas disciplinas se constituíram como campos distintos no Brasil, o que implica na forma como elas produzem conhecimento sobre os povos indígenas. Efetivamente, a “Antropologia quatro campos” estadunidense e boasiana pensa o fazer antropológico a partir da Antropologia Cultural, Arqueologia, Antropologia Linguística e Antropologia Biológica. Por outro lado, a tradição brasileira é centrada na Antropologia Cultural ou Social, a depender da origem da influência epistemológica, quer seja

européia ou estadunidense (Schaan 2014). É evidente, ao menos desde a década de 1990, que as antropologias não são apenas reproduções de tradições hegemônicas oriundas do norte político mundial – e a Antropologia brasileira é significativa nesse sentido (Restrepo 2012; Cardoso de Oliveira 2007). Para Arqueologia pode-se dizer o mesmo (Neves 2015; Funari 2007).

Foi nas disciplinas ministradas pela Prof.^a Denise que eu pude ter a dimensão desses debates que dizem respeito, em particular, às abordagens da Arqueologia da Paisagem e do programa de pesquisa da Ecologia Histórica. O primeiro entendimento necessário foi o de compreender a paisagem enquanto dimensão cultural, tendo em vista as definições do geógrafo Carl Sauer (1969). Se, por um lado, as estruturas do meio são condicionantes das ações humanas, elas também são manejadas de acordo com a intencionalidade destes, conformando desse modo identidades e comportamentos. Nesse sentido, a criação de ambientes culturais possui relação entre tempo e espaço com algumas características da paisagem permanecendo em uso, ou aparecendo e desaparecendo, por longos períodos, a despeito das mudanças políticas, sociais e econômicas. Assim, as paisagens são o registro permanente das sociedades que as criam e as transformam constantemente, deixando desse modo as marcas dos seus habitantes. Isso implica em pensar os significados diferentes para a paisagem, de acordo com o grupo que a ocupa, tendo em vista as escolhas relativas às mudanças temporais e funcionais no uso de terras, por exemplo, indicando o entendimento de preferências culturais e variação na percepção dos sujeitos (Crumley & Marquardt 1990).

Esses entendimentos conceituais correspondem às abordagens realizadas pela Prof.^a Denise em suas pesquisas na Amazônia, conduzidas sob as premissas da Ecologia Histórica. Suas investigações são substanciais para caracterizar as transformações pré-colombianas das paisagens nas regiões do Marajó, no curso do rio Tapajós – médio Amazonas – e no Acre (Schaan 2014). Tais modificações – realizadas processualmente – são observáveis em estruturas como tesos, estradas, geoflitos, megalitos, além da formação de florestas cultivadas e de solos antropogênicos característicos da região. Esse é o caso dos geoglifos, distribuídos desde o leste do Acre ao oeste de Rondônia, estendendo-se do norte da Bolívia ao sul do Amazonas, indicando a apropriação desse tipo de arquitetura por diferentes grupos étnicos, detentores de acurados saberes matemáticos e de engenharia (Schaan et al. 2007). Outro exemplo são os aterros artificiais da Ilha de Marajó, reinterpretados como oriundos dos grandes assentamentos humanos e indicativos da formação dos primeiros cacicados na Amazônia. Nesse último caso, os aterramentos foram inserções na paisagem, destinados ao manejo dos rios e lagos para manutenção de estoques de peixes ao longo do ano. Ao passo disso, esses tesos eram controlados pela elite marajoara, tanto na sua construção, quanto no seu uso enquanto local de sepultamento e moradia (Schaan & Silva 2004). Finalmente, ainda a título de exemplo, as pesquisas foram realizadas no curso dos rios Tapajós, Trombetas e Nhamundá, onde

ocorre padrão de assentamento de grande escala. A ocorrência de cerâmica com semelhança estilística tapajó se expande por toda essa região, além dos grandes sítios arqueológicos e solos antrópicos. Esse tipo de conclusão foi possível a partir de uma análise de amplitude regional, comparando sítios ao longo dos rios e o grande sítio pré-colonial presente em Santarém (Schaan & Lima 2012).

Estas são abordagens muito bem-sucedidas para a Arqueologia que se dedica às sociedades pré-colombianas nas Américas, em especial para o que tem sido debatido sobre a Amazônia. Minhas pesquisas como discente do PPGA, porém, eram centradas na Arqueologia Histórica e na experiência da ação colonial na história amazônica. Não podia, portanto, replicar teorias e métodos, desconsiderando as particularidades dos meus problemas de pesquisa e do contexto de formação do registro arqueológico nas sociedades coloniais – e em sítios arqueológicos urbanos (Souza 2014). De qualquer maneira, enquanto pude ter acesso ao debate teórico-metodológico sobre arqueologia pré-colonial nas disciplinas do PPGA, também foi possível ter diferentes experiências nos sítios-escola e na execução de trabalhos de campo no Pará, seja em sítios sambaqui no Marajó, em sítios cerâmicos em Santarém, Belterra, Bragança e Baião – a maior parte deles em projetos coordenados pela Prof.^a Denise, mas também em atividades práticas desenvolvidas pela Prof.^a Maura Imázio da Silveira, do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Essas experiências de formação, em sala de aula e em campo, foram decisivas na minha formação em Arqueologia, sem dúvida.

Como sempre enfatizava a Prof.^a Denise aos discentes, tínhamos que nos tornar profissionais em Arqueologia, independente das nossas inclinações para as diferentes especialidades da disciplina. Isso era viabilizado nas possibilidades de atuação nos projetos coordenados pela Prof.^a Denise, inclusive com a viabilização de publicações resultantes desses trabalhos (Gomes & Lopes 2012, Lopes 2015). De fato, minha experiência profissional em consultorias foi majoritariamente em áreas com sítios arqueológicos pré-coloniais e não preciso dizer que minha formação acadêmica foi decisiva para ter domínio das ferramentas disciplinares necessárias para esses trabalhos. Mas, no que diz respeito à minha pesquisa em Arqueologia Histórica, como esse debate sobre Arqueologia da Paisagem aparece? Vou tentar responder isso na próxima seção deste texto.

3. APROPRIANDO-SE DOS PARADIGMAS

O percurso que descrevi na seção anterior ocorreu em paralelo à produção de minha dissertação de mestrado e tese de doutorado. Assim como outros arqueólogos brasileiros, minha formação na disciplina ocorreu na pós-graduação. Portanto, mesmo tendo atuado em um museu arqueológico durante minha graduação, eu de fato comecei a pesquisa em Arqueologia no curso de mestrado. Não por acaso, em diferentes momentos escutei que eu era historiador, e não arqueólogo. Hoje entendo isso como um recado de que eu ainda não estava me apropriando dos paradigmas,

princípios teóricos e regras metodológicas da Arqueologia, para usar os termos de Thomas Kuhn (2006) para caracterização do desenvolvimento científico. Eventualmente esse *recado* aparecia não como uma orientação pedagógica dos meus pares, mas como uma sugestão do meu fracasso ao tentar fazer Arqueologia. Ter formação em História, todavia, é essencial para o meu fazer arqueológico, considerando a interlocução com os paradigmas da Arqueologia, como eu espero demonstrar a seguir.

A Arqueologia Histórica na Amazônia possui trajetória relativamente recente, se comparada com o campo da Arqueologia Pré-Colonial. Desenvolvida sistematicamente no MPEG, alguns trabalhos acadêmicos também foram realizados em cursos de especialização e de graduação no Amapá, Pará e no Amazonas. Com o PPGA/UFPA houve – e ainda há – crescente produção na área, considerando a convergência de docentes e dos discentes do Programa (Lopes 2014). Durante o mestrado, minha proposta de dissertação foi orientada pelo Prof. Fernando Marques (MPEG). Naquele momento, meu interesse era realizar caracterização do acervo arqueológico coletado nas escavações do Projeto Feliz Lusitânia, realizado no centro histórico de Belém. O desdobramento da pesquisa, contudo, levou-me a dar atenção à construção da paisagem da capital paraense no período colonial, tendo em vista a construção do Colégio e Igreja dos padres Jesuítas no século XVIII. Foi a partir disso que comecei a refletir sobre as possibilidades de utilização do conceito de paisagem na Arqueologia Histórica, considerando suas aplicações às análises da arquitetura (Lopes 2014). Do ponto de vista metodológico, isso implica em arquitetura pela perspectiva da arqueologia (Steadman 1996), bem como as edificações como superartefatos (Leone e Potter Jr. 1988, Najjar 2011), passíveis de serem pensados a partir dos debates sobre cultura material, mas com atenção às suas especificidades. Assim, os edifícios são refletidos em sua complexidade: componentes ativos do meio social, estruturadores da cultura e por ela estruturados, conformadores, dessa forma, da paisagem (Kamp 1993, Zarankin 1999). Na dissertação, os prédios foram analisados a partir da reunião de fontes históricas, tais como: mapas, documentos escritos, prospectos da cidade e, claro, imagens das construções.

Foi somente no doutorado, contudo, que pude consolidar as abordagens da Arqueologia da Paisagem em sítios históricos, utilizando não somente a documentação escrita e iconográfica, mas também dados gerados na decomposição de plantas-baixas de edificações e a partir dos resultados de escavações arqueológicas, sempre considerando o conceito de paisagem para Arqueologia Histórica (Branton 2009). Essa fase da minha formação teve atuação direta da Prof.^a Denise, tanto porque ela foi a orientadora do trabalho, quanto pela sua presença constante na concepção da pesquisa: escrevemos juntos um projeto para pedir financiamento ao CNPq, o que permitiu a compra de equipamentos e, em associação a outro projeto coordenado pela Prof.^a Jane Beltrão, possibilitou três etapas de campo para as intervenções arqueológicas na Vila Santo Antônio do Prata, localizada no

município de Igarapé Açu, no Pará. A Prof^a Denise, por mais de uma vez, esteve em campo comigo realizando as orientações da pesquisa. Antes de discorrer um pouco mais sobre esse trabalho, é importante mencionar que o PPGA contava com outro docente permanente que desenvolve trabalhos em Arqueologia Histórica, o Prof. Diogo Costa, responsável por um dos sítios-escola do Programa (Costa 2017), no qual eu pude participar ainda como discente em 2014. Essa última experiência, bem como a relação desta com disciplinas e oficinas de métodos em análise de material histórico, conduzidas pelo Prof. Diogo e pelo arqueólogo Rui Gomes Coelho (MPEG), foram fundamentais para a realização do meu doutoramento.

A pesquisa do doutorado, então, tinha como objetivo analisar a conformação da paisagem da Colônia Santo Antônio do Prata – atualmente chamada de Vila do Prata. Esse foi o local de um conjunto de políticas de Estado direcionadas à incorporação do povo *Tembé/Tenetehara* à sociedade nacional, entre o fim do século XIX e início do XX; e, posteriormente, relativas ao isolamento compulsório de doentes de hanseníase entre as décadas de 1920 e 1980. Uma característica é comum à sequência institucional da Vila do Prata: a reunião por longos períodos de significativo número de indivíduos de mesma situação social, formalmente administrados na totalidade de suas vidas. Por conjugar residência e trabalho, definindo-se pelo controle de espaço e cotidiano, adotei para o Prata o conceito de instituição total (Goffman 1974). Logo, a sucessão de instituições totais no Prata implica pensar no exercício de poder ensejado no investimento político no corpo, que imbrica violência e ideologia, como propõe Michel Foucault (1977, 1979).

Essas orientações conceituais foram norteadoras da pesquisa arqueológica, mas considerando um alerta realizado pelo Prof. Ernani Chaves, do PPGA, quanto às diferentes abordagens entre Goffman e Foucault. A perspectiva apontada por Erving Goffman (1974) encaminha o entendimento do poder como pertencente à instituição em si; enquanto Foucault (1977) pensa o poder considerando suas microrrelações, o que amplia as possibilidades de análise em arqueologia. Minha tese, portanto, é de que a infraestrutura material do Prata foi constituída enquanto tecnologia de poder sobre os corpos dos grupos a ela submetidos, com objetivos de políticas de Estado que tinham como pressuposto o binômio exclusão e reclusão. Para subsidiar o argumento, articulei evidências da cultura material com as de natureza escrita e orais (Deagan 1991, Lima 2002, Little 2007): remanescentes materiais (edificações e objetos), narrativas orais de moradores atuais da Vila ou do entorno, documentação escrita e pictográfica, bem como dados de geoprocessamento.

Assim, mesmo não realizando pesquisa em larga escala comparando sítios arqueológicos de diferentes regiões, os instrumentos de pesquisa aos quais tive acesso no PPGA, por meio das orientações e disciplinas da Prof.^a Denise – e de outros docentes – possibilitaram que eu entendesse a materialidade das relações entre os indígenas e o Estado, por um lado, e leprosos e Estado, por

outro, no sítio Santo Antônio do Prata. Isso possibilitou, por exemplo, um exercício preliminar de comparação, que foi realizado em parceria com a arqueóloga Vera Mendes Portal, mas tendo em vista as informações históricas e narrativas contemporâneas de moradores da Vila do Prata e da Vila de Paricatuba, esta última no estado do Amazonas (Lopes e Portal 2018), além de reflexões sobre patrimônio histórico considerando as perspectivas de indígenas e ex-internos do leprosário do Prata (Lopes e Beltrão 2017). Convido ao leitor para acessar as publicações referentes à dissertação e à tese, para caso desejado ter mais informações sobre as pesquisas aqui informadas (Lopes 2014, 2017).

4. CONCLUSÃO

Conforme anunciei no início deste artigo, meu interesse foi debater as relações entre Arqueologia da Paisagem e Arqueologia Histórica suscitadas ao longo de minha interlocução com a Prof.^a Denise enquanto discente e orientando. Apontei questões acerca dos aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a pesquisa arqueológica na Amazônia, bem como a formação de pesquisadores no PPGA. Tratou-se de refletir, considerando minha trajetória, acerca da construção da pesquisa em diálogo com outros conhecimentos desenvolvidos na Arqueologia Pré-Colonial.

Iniciei apontando para o tempo em que eu era *muito moço* na Arqueologia. Esse foi um tempo em que minha interação com outros profissionais foi determinante para o meu amadurecimento profissional. Nesse texto eu destaquei o que foi construído com o apoio extremamente competente da Prof.^a Denise. Tenho que mencionar que esse apoio não ocorreu somente em sala de aula. Além dos diferentes projetos de pesquisa coordenados por ela e nos que pude atuar, nunca houve impedimento para eu realizar outras conexões acadêmicas e ter experiências para além da relação docente-orientando: pude realizar consultorias em Arqueologia, lecionar como professor convidado em diferentes instituições, durante e após o doutorado. Isso possibilitou a construção de uma rede de interlocução rica e satisfatória, felizmente, além de me possibilitar as condições para ser docente numa universidade. Por isso, posso acrescentar que sou *um sujeito de sorte* também por ter tido a satisfação de ter a Prof.^a Denise Schaan como orientadora na Arqueologia. Se enquanto estudante eu já tinha dimensão da relevância da sua para a Arqueologia amazônica, hoje sou maduro o suficiente para entender o impacto que a sua ausência causa na disciplina. Enfim, essa foi minha tentativa de *esquecer em que ano estamos*.

REFERÊNCIAS

- Anderson, L. 2006. Analytic Autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography* 35 (4): 373-395.
- Beltrão, J. F., R. C. S. Lopes e T. S. A. Silva. No prelo. Denise Schaan, a parceira acadêmica. *Amazônica Revista de Antropologia* 13 (1): s/p.
- Belchior. 1976. Sujeito de sorte. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/6LOAcxawVW0Q56iJTczw3r> Acesso em 18 jun. 2021.
- Branton, N. 2009. Landscape Approaches in Historical Archaeology: The Archaeology of Places, in *International Handbook of Historical Archaeology*. Editado por T. Majewski e D. Gaimster, pp. 51-65. New York: Springer.
- Cardoso de Oliveira, R. 2007. Antropologias periféricas versus antropologias centrais. In *O trabalho do antropólogo*, editado por R. Cardoso de Oliveira. Brasília: Editora da Unesp.
- Crumley, C. L. e W. H. Marquardt. 1990. Landscape: a unifying concept in regional analysis, in *Interpreting space: GIS and archaeology*. Editado por K. M. Allen, S. W. Green e E. B. Zubrow, pp. 73-79. London: Taylor and Francis.
- Costa, D. M. 2017. Historical Archaeology in the Amazon: the Murutucu Sugar Cane Mill Field School Project. *International Journal of Historical Archaeology*, 21: 674-689.
- Foucault, M. 1977. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- . 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Funari, P. P. A. 2007. Teoria e arqueologia histórica: a América Latina e o mundo. *Vestígios* 1 (1): 49-58.
- Goffman, E. 1974. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Gomes, R. N. C. e R. C. S. Lopes. 2012. Os co-trabalhadores do Cedro: uma possibilidade de Arqueologia Pública. In *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, editado por D. P. Schaan. Belém: GK Noronha.
- Kamp, K. A. 1993. Towards an Archaeology of Architecture: clues from a modern Syrian village. *Journal of Anthropological Research* 49(4):293-317.
- Kuhn, T. S. 2006. *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Leone, M. P. e P. B. Potter Jr. 1988. *The recovery fo meaning: Historical Archaeology in eastern United States*. Washington: Smithsonian Institute Press.
- Lopes, R. C. S. 2014. “O melhor sítio da terra”: colégio e igreja dos jesuítas e a paisagem da Belém do Grão-Pará. Belém: Editora Açai.
- _____. 2015. As diversas ocupações da área portuária. In *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*, editado por D. P. Schaan e D. T. Alves. Belém: Gráfica Supercores.
- _____. 2017. *Tempos, espaços e cultura material na Vila Santo Antônio do Prata, Pará – arqueologia em uma instituição total amazônica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Brasil.
- Lopes, R. C. S. e J. F. Beltrão. 2017. Patrimônio histórico e memória social: entre indígenas e ex-internos na Vila Santo Antônio do Prata, Amazônia brasileira. *ContraCorrente, Revista de Estudos Literários e da Cultura* 9: 1-15.
- Lopes, R. C. S. e V. M. Portal. 2018. Leprosários na Amazônia: reflexões entre arqueologia, patrimônio e memória. *Revista de Arqueologia Pública* 12 (2): 31-50.
- Melodia, L. 1973. Pérola negra. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/4kpq1IrSF51RDZbjClaiJx?autoplay=true> Acesso em 18 jun. 2021.
- Najjar, R. 2011. Para além dos cacos: a Arqueologia Histórica a partir de três superartefatos (estudo de caso de três igrejas jesuíticas). *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas* 6(1):71-91.
- Neves, E. G. 2015. Existe algo que se possa chamar de “arqueologia brasileira”? *Estudos Avançados* 29 (83): 7-17.

- Oliveira, J. P. de. 1999. O ofício do etnógrafo e a responsabilidade social do cientista. In *Ensaio de Antropologia Histórica*, editado por J. P. de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Restrepo, E. 2012. Antropologías disidentes. *Cuadernos de Antropología Social* (35): 55-69.
- Sauer, C. O. 1969. The morphology of landscape (1925), in *Land and Life: a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*. Editado por J. Leighly, pp. 315-350. Berkley/Los Angeles: University of California Press.
- Schaan, D. P. 2014. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico* 39 (2): 13-44.
- Schaan, D. P., e W. F. V. Silva. 2004. O povo das águas e sua expansão territorial: uma abordagem regional de sociedades pré-coloniais na ilha de Marajó. *Revista de Arqueologia*, (17): 13-32.
- Schaan, D. P., M. Pärssinen, A. Ranzi, J. C. Picolli. 2007. Geoglifos da Amazônia ocidental: evidência de complexidade social entre povos de terra firme. *Revista de Arqueologia*, (20): 67-82.
- Schaan, D. P., e A. M. A. Lima. 2012. A grande expansão geográfica dos Tapajó. In *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*, editado por D. P. Schaan. Belém: GK Noronha.
- Souza, R. A. 2014. Arqueologia na metrópole paulistana. *Habitus* 12 (1):23-44.
- Steadman, S. R. 1996. Recent research in the archaeology of architecture: beyond the foundations. *Journal of Archaeological Research* 4 (1): 51-93.
- Zarankin, A. 1999. Arqueología de la arquitectura: another brick in the wall. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* 3:119-129.